

De qualquer forma, a comparação com o *Pantchatantra* e o *Mahabharata*, de acordo com ‘Azzām, evidencia que o texto árabe se afasta deveras de suas longínquas fontes. Em seu modo presente —e após tantos séculos de transmissão—, ele sem dúvida forma um conjunto ao qual o tempo e os leitores deram coesão, podendo ainda ser considerado parte do patrimônio cultural muçulmano, bem como de todos os outros povos e nações para cujas línguas o livro foi vertido — quase sempre a partir do original árabe ou de traduções desse original, como se referiu no primeiro parágrafo.

Apresenta-se a seguir uma tradução do primeiro capítulo, que consta apenas de manuscritos mais recentes. Atentando-se ao que se afirmou linhas acima, é necessário aduzir que há séculos o livro vem sendo habitualmente divulgado com essa apresentação, e muito leitor, quando pensa *Kalila e Dimna*, pensa igualmente essa apresentação do suposto —não importa quem tenha sido— al-Fārisī. A tradução foi feita a partir de uma edição libanesa (Beirute, Dar al-‘Awda, 1986, pp. 14-35) baseada —é o que se pode inferir— num manuscrito do século XVII d.C., e cotejada com outra edição libanesa (Beirute, al-Mâtba‘at al-Kāṭūlikiya, 1965, pp. 7-22), preparada por Luīš Šāyḥū, na qual o texto foi extraído, segundo declaração expressa do preparador, de um manuscrito de 1776.<sup>17</sup>

## CAPÍTULO:

### A APRESENTAÇÃO...

... foi escrita por Buhnūd Ibn Saḥwān, conhecido como ‘Alī Ibn al-Šāh al-Fārisī, que nela expôs o motivo pelo qual o filósofo hindu Bāydaba, chefe dos brâmanes, redigiu para Dabšālīm, rei da Índia, o livro que ele denominou *Kalila e Dimna*<sup>18</sup>, compondo-o na linguagem de quadrúpedes e aves a fim de ocultar suas intenções [mais extremas<sup>19</sup>] ao vulgo, impedir o acesso da escória a ele, e resguardar a arte, a distinção e o mérito característico da sabedoria, que é deleite acessível à mente do filósofo, constituindo-se ainda em valorização para quem a cultiva e honraria para quem a procura.

---

<sup>17</sup> As atuais edições libanesas baseiam-se comumente na refundição egípcia da edição de De Sacy, feita por Muḥammad Ḥāsan Nā‘il al-Marṣafī, ou em uma das duas edições do século passado, preparadas por Ḥalīl al-Yāzījī e ‘Aḥmad Ḥāsan Ṭabbāra e baseadas em manuscritos tardios, do século XVII (‘Azzām, cit., pp. 15-16), ou ainda na edição escolar preparada por Luīš Šāyḥū.

<sup>18</sup> Forma árabe dos nomes “Karataka” e “Damanaka”; segundo ‘Azzām, em pahlavi tais palavras facilmente assumem a forma “*Kalila*” e “*Dimna*”. Num dos manuscritos da tradução espanhola de 1261, promovida por Alfonso, o Sábio, utiliza-se “*Digna*” em lugar de *Dimna*, enquanto num outro manuscrito ocorre a grafia “*Dina*” (cf. *La antigua version castellana del Calila y Dimna [cotejada com el original árabe de la misma]*. Prólogo de José Alemany Bolufer. Madrid, Real Academia Española, 1915; cf. ainda a excelente introdução de Blecua, Juan Manuel Cacho, e Lacarra, María de Jesus, à edição de *Calila e Dimna* por eles preparada [op. cit., pp. 9-86]).

<sup>19</sup> Completado a partir da edição de Luīš Šāyḥū, doravante referida como “L”.

Buhnūd Ibn Saḥwān mencionou também o motivo que levou o rei da Pérsia, Kisrā 'Anū Širwān Ibn Qubāz Ibn Fīrūz<sup>20</sup>, a enviar Barzawayh<sup>21</sup>, chefe dos médicos da Pérsia, à terra da Índia por causa do livro de Kalīla e Dimna, e a habilidade de conduta de Barzawayh desde que chegou à Índia até que entabulou conhecimento com a pessoa que secretamente lhe fez uma cópia do livro, à noite, na biblioteca do rei, juntamente com outros livros dos sábios da Índia<sup>22</sup>. [Mencionou ainda o que ocorreu quando Barzawayh foi enviado ao reino da Índia a fim de copiar este livro, além do que é necessário àquele que o consulta: agudeza na leitura, realização de estudos e exame do sentido oculto das palavras<sup>23</sup>]; caso não seja assim, nenhum proveito dele se extrairá. Mencionou o retorno de Barzawayh, sua leitura em voz alta e o motivo que levou Buzurjumahr, vizir de Kisrā, a fazer um capítulo especial chamado "Capítulo do médico Barzawayh", onde descreveu a biografia de Barzawayh desde que nasceu até o momento em que adquiriu educação e passou a amar a sabedoria e a considerar-se dentro dela. Este capítulo foi intercalado antes do "Capítulo do leão e do touro", que é o primeiro do livro.<sup>24</sup>

Disse 'Alī Ibn al-Šāh al-Fārisī: a origem dos eventos que levaram o filósofo Bāydaba a escrever o livro de Kalīla e Dimna para Dabšalīm, rei da Índia, foi a seguinte: apenas deu cabo dos reis do lado ocidental, o *rūmī* 'Iskāndar Bicornes<sup>25</sup> avançou almejando os reis do lado oriental, persas e outros. Não deixou de guerrear quem se lhe opunha, nem de enfrentar quem o enfrentava, nem de fazer a paz com quem lhe era pacífico entre os reis da Pérsia, que tinham sido os de primeira grandeza enquanto ele não surgira derrotando os inimigos e vencendo os beligerantes. Os reis da Pérsia fracionaram-se e foram despedaçados, e então 'Iskāndar, com seus soldados, tomou a direção da China, começando, em seu caminho, com o rei da Índia, que iria ser intimado a submeter-se e convocado a entrar em seu grupo e a ficar sob sua proteção. A Índia possuía, nesse tempo, um rei enérgico e valente, de muito poder e força, chamado Fawr<sup>26</sup>. Informado da iminente chegada de 'Iskāndar a seu reino, preparou-se para combatê-lo e enfrentá-

---

<sup>20</sup> Forma árabe do nome Ḥosrau Nuširvan (531-579 d.C.), rei sassânida da Pérsia. Num dos manuscritos da citada tradução espanhola, grafou-se "Sirechuel, hijo de Cades"; em outro, "Nixhuen, hijo de Cadet". Excetuando-se a tradução espanhola, as referências às formas dos nomes e seu significado em Kalīla e Dimna provém do trabalho de 'Azzām.

<sup>21</sup> Forma árabe do nome "Burzôé", médico persa. Na tradução espanhola, "Berzebuey".

<sup>22</sup> Em L, também consta: "e trouxe, junto com o livro, um tabuleiro de xadrez completo, que se compunha de dez por dez".

<sup>23</sup> O trecho entre colchetes apresenta a seguinte formulação em L: "E mencionamos o tamanho de seu mérito, e recomendamos, àqueles que forem capazes de o ler, que atentem em seu estudo, perseverem em sua sagacidade e no que ele se compõe de benesses e benefícios; ver que [isso tudo] é preferível a qualquer outro prazer em que se aplique o interesse; e que examinem o sentido oculto de suas palavras".

<sup>24</sup> Esses dois primeiros parágrafos são uma provável interpolação, com a qual se pretendeu apresentar um resumo da matéria.

<sup>25</sup> Nome árabe de Alexandre o Grande da Macedônia. A palavra *rūmī* quer dizer, em sentido estrito, "bizantino". Segundo os comentaristas, o epíteto "bicornes" se deve à conquista do Ocidente e do Oriente.

<sup>26</sup> Em L, consta "Fūrak", mas a forma "Fawr" (ou "Fūr") deve ser a correta. Em português, diz-se "Poró".

lo, agrupando suas forças dispersas e forcejando por unificá-las, além de, igualmente, ajuntar armas no prazo mais rápido possível: elefantes equipados para a guerra, feras de saltos alígeros, corcéis lustrosos, espadas pontiagudas e lanças cintilantes.

Quando o Bicorne se aproximou do indiano Fawr e foi informado da quantidade de corcéis que tinham sido ajuntados contra ele, e que pareciam pedaços da noite –constituindo uma força jamais vista por rei algum das redondezas–, temeu cometer um desatino qualquer caso se precipitasse ao combate. Além de precavido e experiente, o Bicorne era um homem fértil em astúcias e ardis, e assim encontrou um modo de ganhar tempo: cavou trincheiras para seus soldados, instalando-se no local a fim de elaborar e preparar um stratagem, e estudar como evitar uma ofensiva. Convocou então os astrólogos, determinando-lhes que escolhessem o dia em que ele teria a boa sorte de combater o rei da Índia e vencê-lo. Enquanto eles trabalhavam no assunto, o Bicorne –que não passava por nenhuma cidade sem capturar os mais conhecidos e hábeis artesãos de cada ofício– teve, guiado pela inteligência, a idéia de solicitar a esses artesãos a rápida construção, sobre rodas, de cavalos ocos de cobre, com estátuas [humanas] sobre eles: empurrados, tais equipamentos deveriam deslizar com velocidade. Ordenou-lhes que, terminada a tarefa, recheassem com betume e óleo o bojo desses cavalos, colocando-os no meio das legiões; quando o confronto fosse iminente, atear-se-ia fogo nos bojos: ao enrolar suas trombas nas estátuas incandescentes, os elefantes do adversário fugiriam. Estimulou os artesãos ao esmero, à rapidez e à conclusão da tarefa, e então eles se esmeraram no trabalho, executando-o prontamente. Aproximava-se o prazo estipulado pelos astrólogos, e o Bicorne reenviou seus mensageiros a Fawr, a fim de intimá-lo à submissão e obediência a seu Estado, mas ele deu uma resposta que insistia em desacatá-lo e se determinava a guerreá-lo.

Quando o Bicorne notou tal disposição, avançou até ele com seu equipamento. Ato contínuo, Fawr adiantou seus elefantes, e os homens do Bicorne empurraram os cavalos de cobre com as estátuas dos cavaleiros; os elefantes avançaram e nelas enrolaram as trombas, mas, logo que sentiram sua incandescência, atiraram ao solo e pisotearam todos que estavam sobre eles, fugindo a seguir derrotados em furiosa carreira, durante a qual esmagaram tudo o que se encontrava em seu caminho. As tropas de Fawr foram desbaratadas, perseguidas e massacradas pelos soldados de 'Iskândar, o qual gritou: “ó rei da Índia, apareça e fique à frente de suas tropas e de sua família; não as conduza à destruição, pois não é honroso que um rei leve seus soldados ao esgotamento e à aniquilação, mas sim que os sustente com sua própria fortuna e os defenda com sua própria vida. Duele, pois, comigo, e deixe os soldados de lado: aquele que vencer o combate, dentre nós dois, será o mais venturoso”. Quando Fawr ouviu aquelas palavras do Bicorne, sua ambição levou-o, atrevido, a aceitar o desafio, pois imaginou que aquela seria sua grande oportunidade. 'Iskândar surgiu diante dele e ambos se enfrentaram em seus cavalos por várias horas durante o dia, sem

que nenhum lograsse atingir o oponente. Continuaram lutando até que, sentindo-se esgotado por Fawr e sem ter à mão nenhum outro artil, 'Iskândar lançou aos soldados estrondoso grito, que fez estremecer o chão e os próprios soldados.<sup>27</sup> Ouvindo o estrépito, Fawr voltou-se imaginando que aquilo seria alguma cilada entre seus soldados: foi quando o Bicornes lhe assentou um golpe que o fez cair do estribo, logo seguido de outro que o prostrou ao solo. Vendo o que lhe tinha sucedido e a situação em que se encontrava seu rei, os indianos lançaram-se contra 'Iskândar numa luta na qual teriam preferido morrer, mas ele se comprometeu a ser generoso, e Deus concedeu-lhe a submissão daquela gente. Então, ele dominou o país, entronizando uma pessoa de sua confiança. Permaneceu na Índia até lograr sua total submissão e concordância, e depois saiu de lá, deixando aquele homem como governante e dirigindo-se para onde desejava ir.

Quando o Bicornes e seus exércitos já estavam distantes da Índia, os indianos modificaram seu comportamento obediente em relação ao rei que ele havia imposto. Disseram: não se coaduna com o bom governo, nem é bom para a nobreza ou para o vulgo, ter um rei imposto que não pertença à sua raça nem seja de seu meio, porquanto ele sempre os oprimirá e desprezará. Reuniram-se e entronizaram um homem chamado Dabšalim<sup>28</sup>, que era descendente de um de seus reis, depondo o rei que 'Iskândar lhes havia imposto. Logo que a situação se normalizou e o reino se estabilizou, Dabšalim tornou-se tirânico, opressor, injusto e prepotente, passando, ademais, a hostilizar os monarcas vizinhos. A despeito disso, continuava reverenciado, glorioso e vencedor, pois os súditos o temiam. Percebendo tal situação, Dabšalim espezinhou-os, desprezou seus interesses e teve um mau comportamento em relação a eles. E, tanto mais sua situação pessoal melhorava, quanto mais ele se tornava arrogante, assim permanecendo durante uma boa quadra de sua vida.

Havia em seu tempo um filósofo brâmane, bondoso e sábio, conhecido por sua generosidade e por todos consultado; seu nome era Bâydaba<sup>29</sup>. Observando o comportamento tirânico do rei em relação aos súditos, pensou numa estratégia para mudar esse estado de coisas, e devolver o rei à justiça e à moderação. Para isso, reuniu seus discípulos e disse:

“Vocês por acaso sabem sobre que assunto eu desejo consultá-los? Saibam que eu pensei longamente em Dabšalim, em seu desapego da justiça e seu apego à

---

<sup>27</sup> Este tipo de cena – um cavaleiro valente cujo grito terrível o leva à vitória numa refrega – ocorre nas novelas árabes de cavalaria, como, por exemplo, as inseridas na coletânea *Mi'at layla wa layla* [“As cento e uma noites”] (Túnis/Tripoli Ocidental, al-Dār al-‘Arabiya lil-Kitāb, 1979, ed. de Maḥmūd Ṭaršūna).

<sup>28</sup> Em alguns manuscritos, escreve-se “Disalam” ou “Dišalam” (todas essas grafias são muito parecidas em árabe); na segunda tradução siríaca (século X ou XI d.C.), realizada a partir da árabe, grafou-se “Dabadhram”; na citada tradução espanhola, num manuscrito grafou-se “Deiervan” e, em outro, “Diçelem”. Em sânscrito, o nome é algo como “Divašarman”.

<sup>29</sup> Forma árabe do nome também conhecido como Bidpay. Em alguns manuscritos, grafou-se “Bâydana”, certamente porque o “b” e o “n” são muito parecidos em árabe. Na segunda tradução siríaca, “Nadrab”; na espanhola, “Bendubet” em um manuscrito e “Burduben” em outro. No original sânscrito, “Višnujarmān”, que significa “aquele que detém o saber”.

injustiça, e em seu comportamento pérfido e perverso relacionamento com os súditos. Nós não aceitamos essa situação: quando os reis se comportam mal, esforçamo-nos por fazê-los volver à prática do bem e à observância da justiça. Caso negligenciemos isso, ficaremos expostos a ocorrências abomináveis e perigosas, pois que [no espírito dos ignorantes seremos mais ignorantes do que eles, e inferiores àqueles que eles consideram superiores<sup>30</sup>]. Não é de minha opinião abandonar o país, e por isso não podemos, com nosso conhecimento, deixar o rei perseverar neste comportamento ruim e indecoroso. Só podemos combatê-lo com palavras, pois mesmo que procurássemos nos aliar a outros não nos seria possível enfrentá-lo, e, se ele percebesse nossa oposição e condenação de seu pérfido comportamento<sup>31</sup>, aí estaria nosso fim. Vocês talvez saibam que manter-se na vizinhança da pantera, do cão, da cobra e do touro, mesmo quando tal se justifique pela exuberância da terra e abundância dos meios de subsistência, é uma traição a si mesmo. É um direito do filósofo, decerto, ter suas preocupações concentradas naquilo com que ele burila o espírito contra as baixezas do que é detestável e os excessos do que é abominável, evitando dessa maneira o que é perigoso e conquistando o que é desejável. Eu já ouvi que certo filósofo escreveu a seu discípulo dizendo: ‘quem se avizinha dos homens perversos e os acompanha é como o navegante, o qual, conquanto se livre do afogamento, não se livra dos temores, e, caso ele se atire onde haja coisas que extingam a vida ou que provoquem temor, será incluído entre os burros sem espírito, porque até aos animais quadrúpedes se lhes imprimiu na natureza o discernimento do que os beneficia e do que os prejudica: é por isso que não os vemos atirando-se onde possam ser exterminados, e, quando eles percebem uma situação que lhes seja nociva, dela se desviam e fogem –resguardando e preservando a si próprios– por causa da natureza neles incrustada’. Por isso reuni vocês, que são minha família, depositários de meus segredos e de meu saber; em vocês procuro apoio e de vocês dependo, pois quem fica sozinho, e tem opiniões unilaterais, onde quer que esteja estará perdido e sem auxílio, enquanto o inteligente pode ser que atinja, mediante suas estratégias, o que não se atinge com corcéis e soldados.

A parábola a respeito disso é a da cotovia que construiu o ninho no caminho de uma fonte freqüentada por um elefante. Certo dia, conforme seu hábito, o elefante passou por ali e pisoteou o ninho da cotovia, esmagando seus ovos e matando seus filhotes. Quando viu essa desgraça, ela compreendeu que aquilo não havia sido provocado senão pelo elefante; voou e pousou chôrando sobre a cabeça dele, e lamentou: ‘ó rei, por que esmagastes meus ovos e matastes meus filhotes, sendo eu vossa vizinha? Teria sido por menosprezo, desdém e arrogância?’ Respondeu o elefante: ‘foi exatamente por isso’. Então ela o deixou e dirigiu-se à assembléia das aves, reclamando do que lhe fora causado pelo elefante. Disseram-lhe: ‘o que poderíamos fazer contra ele, sendo nós meras aves?’ Disse ela aos

---

<sup>30</sup> A tradução do trecho entre colchetes é duvidosa; seria possível ainda: “no espírito dos ignorantes seremos mais ignorantes do que eles, e a seus olhos, inferiores a eles”. Em L, o trecho está truncado.

<sup>31</sup> Em L, “seu péssimo caráter”.

corvos e às gralhas: ‘apreciaria que vocês fossem comigo até o elefante e lhe perfurassem os olhos. Depois disso, escolherei outro stratagem’. Então eles resolveram atendê-la: foram até o elefante e não cessaram de bicar seus olhos até o cegarem, e assim ele passou a não poder localizar o caminho para comer e beber, limitando-se ao que encontrava a seu alcance. Percebendo seu estado, a cotovia foi a um riacho onde havia muitos sapos, e se queixou a eles do que o elefante lhe havia feito. Disseram os sapos: ‘qual poderia ser o nosso stratagem ante a enormidade do elefante, e como poderíamos afetá-lo?’ Respondeu: ‘apreciaria muito que vocês fossem comigo a um precipício próximo ao elefante e ali coxassem e fizessem barulho; assim, quando ele ouvir suas vozes, não terá dúvidas de que a água fica naquela direção, caindo então no precipício’. Eles a atenderam, reunindo-se no precipício; o elefante ouviu seu barulho e, esgotado pela sede, caminhou naquela direção até cair no precipício e estatelar-se todo. A cotovia veio então voejar ao redor de sua cabeça, e disse: ‘ó tirano convencido da própria força e que me despreza: como você vê a grandeza de meu stratagem e meu pequeno tamanho comparados à grandeza do seu corpo e à pequenez das suas idéias?’

Que cada um de vocês exponha, portanto, a idéia que lhe ocorrer.” Responderam em uníssono: “ó filósofo virtuoso, sábio e justo, você é nossa vanguarda e o melhor dentre nós, e por isso é provável que nossa opinião e discernimento não tenham o mesmo nível que têm em você; ainda assim, sabemos que nadar em águas onde haja crocodilos é um suicídio cuja culpa incide sobre quem se lança em tais águas. E, no caso de quem extrai o veneno da cobra e o toma a fim de experimentá-lo em si mesmo, a cobra não terá culpa alguma, bem como aquele que penetra na selva do leão não estará a salvo de seu ataque. Este rei não teme as lições, nem aprende com as experiências: por isso, não estamos seguros de que ele não será violento ou injurioso caso você não incorra em seu agrado.”

Disse o sábio Bâydaba: “por vida minha que vocês pronunciaram belas palavras: o arrojado de opinião não deixa de consultar quem está abaixo ou acima dele, uma vez que a opinião isolada não satisfaz a nobreza nem beneficia o vulgo. Não obstante, minha convicção em entrevistar-me com Dabšalim está correta; ouvi as ponderações de vocês, tendo ficado clara em seu conselho a preocupação com todos nós. Ainda assim, tenho este ponto de vista e estou convicto. Vocês saberão de minha história com o rei e de nossa conversa. Quando receberem a informação de minha saída, venham a mim.” E dispensou-os enquanto eles lhe desejavam boa sorte.

Em seguida, Bâydaba escolheu um dia para avistar-se com o rei, e quando chegou o momento vestiu o *musûh*<sup>32</sup>, que é a roupa dos brâmanes, e dirigiu-se à porta do rei. Perguntou pelo secretário, a quem foi conduzido; cumprimentou-o e informou-o dizendo: “sou um homem que busca o rei com um conselho.” O

---

<sup>32</sup> Roupa de pêlo.

secretário foi imediatamente ao rei, e disse: “está à porta um brâmane chamado Bâydaba, que afirmou ter um conselho para o rei.” Bâydaba recebeu então a autorização; entrou, estacou diante do rei, curvou a cabeça, prosternou-se, levantou-se e permaneceu calado. Ante tal silêncio, Dabšalim pensou: “esse aí não nos procura senão por dois motivos: ou para conseguir de nós o que lhe melhore a vida, ou por algo insuportável que lhe tenha sucedido.” Prosseguiu: “se os reis têm mérito por causa de seus reinos, os sábios têm um mérito maior por causa de sua sabedoria. A sabedoria dos sábios os faz prescindir dos reis, mas a fortuna dos reis não os faz prescindir dos sábios. Já sei que a sabedoria e o respeito são companheiros harmônicos que não se separam: quando um se perde, o outro não é encontrado. São como dois grandes apaixonados: quando um deixa de existir, o outro, por tristeza, perde o gosto de viver. Quem não tiver respeito pelos sábios – deixando de dignificá-los, de reconhecer seus méritos em relação aos demais, de defendê-los em ocasiões em que estejam enfraquecidos e de protegê-los da condição mesquinha – estará entre os que se privaram da razão e perderam o mundo: oprimir os sábios e negar-lhes os direitos é equivaler-se aos ignorantes.”

A seguir, levantou a cabeça para Bâydaba e disse: “ver-vos calado, Bâydaba, sem expordes vossas demandas nem mencionardes vosso pedido, fez-me imaginar: ‘o que produz esse silêncio é um temor que o paralisou ou uma dúvida que o assaltou.’ Analisei então vossa longa espera e pensei: ‘Bâydaba não nos terá procurado, contra todo hábito, senão por algo premente, pois ele é um dos melhores de seu tempo. Indaguemo-lo, pois, sobre o motivo de sua visita: se for por alguma injustiça sofrida, seremos o primeiro a tomá-lo pelas mãos, honrá-lo, concretizar seu desejo e fortalecê-lo; se a sua intenção for conseguir bens materiais, ordenaremos que seja satisfeito com o que aprecie; se for alguma questão relacionada ao reino, ou algo indigno do sacrifício dos reis e impróprio de sua atenção, estudaremos uma punição — pois alguém como ele não se atreveria a intrometer-se num assunto que somente diga respeito aos reis; se for algo relativo aos súditos, e Bâydaba deseje que gastemos nossa atenção com eles, veremos do que se trata. Os sábios soem conduzir ao bem, ao contrário dos ignorantes.’ Agora, eu vos permito que faleis.” Ao ouvir tais palavras, Bâydaba sentiu-se livre do temor, desaparecendo o medo que se havia apossado de seu espírito. Curvou a cabeça, prosternou-se, ergueu-se diante dele e disse:

“Primeiramente, peço a Deus exalçado que perpetue a existência do rei, e faça seu reino perdurar para todo o sempre, pois o rei concedeu-me, nesta minha posição, um lugar que me honra perante todos os outros sábios, e uma lembrança duradoura entre eles.” Depois, exultante de contentamento em virtude do que lhe fora externado, encarou o rei e prosseguiu: “com sua bondade e nobreza, o rei mostra simpatia por mim. O assunto que me traz até aqui –arriscando-me e atrevendo-me a dirigir a palavra ao rei– é um conselho que dedico a ele e não a qualquer outro. Quem tiver notícia a respeito disso saberá que eu não me furtei a uma das condições que regem o direito dos governantes sobre os sábios. Será legítimo que o rei me permita falar e me dê ouvidos, mas, se acaso ele não der

importância, terei cumprido minha obrigação e estarei livre de qualquer censura que me seja assacada.” Disse o rei: “dizei o que desejais, Bâydaba: eu me inclino, observo e ouço a fim de extrair o que tendes até o fim, recompensando-vos da forma que merecerdes.”

Disse Bâydaba: “verifiquei que as coisas que singularizam o ser humano entre todos os animais são quatro, síntese de todo conhecimento: a sabedoria, a austeridade, a razão e a justiça. A ciência, a urbanidade e a ponderação pertencem à esfera da sabedoria; a generosidade, a paciência e a tolerância pertencem à esfera da razão; o respeito, a nobreza, a precaução e a altivez pertencem à esfera da austeridade; e a sinceridade, a benemerência, o temor a Deus e o bom caráter pertencem à esfera da justiça. É essa a sùmula da perfeição, sendo seu oposto o vício. Quando o homem chega a tal estágio de perfeição, uma diminuição da fortuna jamais o conduzirá ao mau destino neste mundo ou ao desdouro na posteridade; não se arrependará do êxito que não logrou obter em sua existência; não se entristecerá com as modificações operadas pela sorte em suas posses; nem se surpreenderá com a ocorrência de qualquer desgraça. A sabedoria é riqueza que, mesmo partilhada, não se esgota, tesouro que não se depauperava, roupa que não se pui e prazer cuja duração não enjoa. Se, tendo ficado estático diante do rei, eu de fato o impedi de tomar a palavra, não o fiz senão por temor e reverência: por vida minha que os reis são merecedores de toda veneração, especialmente o que esteja num nível mais elevado que o dos reis precedentes. Os sábios já afirmaram: ‘exercite o silêncio, pois nele há segurança, e evite o palavreado ocioso, que produz arrependimento’. Conta-se que quatro sábios foram reunidos no conselho de um rei, que lhes disse: ‘que cada um de vós pronuncie uma frase que seja a base da urbanidade’. ‘A maior qualidade dos sábios é o silêncio’, respondeu o primeiro; ‘uma das coisas mais benéficas para o homem é saber se o seu nível corresponde a sua inteligência’, respondeu o segundo; ‘é mais benéfico para o homem não falar sobre o que não lhe concerne’, respondeu o terceiro; ‘é menos cansativo para o homem entregar-se ao destino’, respondeu o quarto. E, em certa época, reuniram-se os reis das regiões da China, da Índia, da Pérsia e de Bizâncio. ‘Cada um de nós deve pronunciar algo digno de ser registrado para toda a posteridade’, disseram. ‘Sou mais capaz de fazer o que não digo do que corresponder ao que digo’, disse o rei da China; ‘espanto-me com quem diz palavras que, se forem a seu próprio favor, em nada o beneficiam, e, se forem contra si, conduzem à aniquilação’, disse o rei da Índia; ‘a palavra que pronuncio me domina, e a que não pronuncio é dominada por mim’, disse o rei da Pérsia; ‘nunca me arrependi daquilo sobre o que nada falei, mas já me arrependi daquilo sobre o que falei demasiadamente’, disse o rei de Bizâncio. Entre os reis, o silêncio é melhor do que a verbosidade, a qual nenhum benefício produz: é da própria língua que o homem deve, preferencialmente, precaver-se. Ainda assim, o rei —que Deus prolongue sua permanência— autorizou-me a falar e concedeu-me ampla liberdade, e por isso faz jus a que eu comece por ele mesmo tais questões, cujos frutos eu tenciono que revertam ao rei e não a mim: procuro o bem dele antes do meu próprio, que eu só

almejo a posteridade, muito embora o benefício e a honra do rei também dependam disso; quanto a mim, terei cumprido minha obrigação. Eis o que tenho a dizer:

Estais, ó rei, na mesma posição de vossos pais e avós, soberanos poderosíssimos que fundaram o reino antes de vós, e o construíram sem vossa ajuda. Eles erigiram torres e castelos, aplainaram o país, comandaram exércitos, instauraram o aparato bélico, permaneceram muito tempo no poder, possuíram incontáveis armas e cavalos e viveram por longo tempo, bem e felizes. Tudo isso não os impediu, contudo, de gozar de uma boa e grata memória entre as pessoas, nem de tratar com generosidade o que alcançaram, nem com delicadeza o que conquistaram, nem com retidão o que adquiriram, e isso apesar da enorme negligência e embriaguez provocadas pelo poder e pela força. E vós —ó rei de venturosa ascendência, cuja estrela da sorte resplandece— herdastes as terras, mansões, fortuna e posições que pertenciam a eles, apossando-vos do reino por vós recebido e da fortuna e do exército herdados, mas não cumpristes, apesar disso, com vossos deveres; pelo contrário, tornaste-vos tirânico, injusto, violento e prepotente com os súditos, e vossa má conduta gerou grande intensificação de calamidades. Seria melhor e mais adequado que imitásseis a conduta de vossos antepassados, seguindo o rastro dos reis anteriores e fazendo medrarem as benesses que eles vos deixaram, despindo-vos ainda daquilo cujo abandono vos é necessário e cujo desadorno vos cai muito mal, e ademais prestando maior atenção a vossos súditos e elaborando-lhes boas leis, cuja lembrança durará depois de vós e cuja glória vos granjeará boa memória: a integridade e a nobreza desses atos serão mais duradouras e permanentes. Com efeito, é o ignorante despreparado quem utiliza em seus interesses a insolência e a veleidade, e é o inteligente determinado quem conduz o reino com cordialidade e benevolência. Raciocinai, ó rei, sobre o que vos transmiti, e não ficai aborrecido, pois não falei assim para obter recompensas ou conseguir favores; pelo contrário, vim como leal conselheiro devotado a vossa pessoa.”

Mal Bâydaba encerrou o discurso e concluiu o bom aconselhamento, o peito do rei se encheu de cólera, e ele lhe deu uma resposta grosseira e injuriosa: “dirigistes-me a palavra de uma forma que eu jamais imaginaria que alguém de meu reino se atreveria a fazer igual; ainda mais vós, fraco, insignificante e nulo. E minha estupefação foi aumentada pelo atrevimento e pela incontinência verbal com que ultrapassastes todos os limites. Nada mais significativo para ensinar os outros do que usar-vos como exemplo: sereis lição e alerta para quem porventura tenha pretensões semelhantes para com os reis que lhes concedem alguma liberalidade em seus conselhos.” Em seguida, o rei ordenou que ele fosse morto e crucificado, mas, assim que os guardas o levaram, pensou bem no que havia decidido e voltou atrás, ordenando então que ele fosse preso e acorrentado. Isso feito, determinou que os discípulos e seguidores de Bâydaba fossem procurados, mas eles se dispersaram pelo país e se isolaram em algumas ilhas do grande oceano. Bâydaba permaneceu na prisão por dias sem que o rei perguntasse por ele ou dele se

lembrasse, e sem que ninguém tivesse a coragem de mencioná-lo diante dele. Certa noite, entretanto, o rei teve forte e prolongada insônia, e lançou o olhar aos astros, refletindo sobre sua circularidade e sobre o movimento dos planetas. O aprofundar das reflexões sobre o assunto levou-o a formular determinada questão relacionada aos astros e a tentar esclarecê-la: foi então que se recordou de Bâydaba, pensou no que lhe havia dito, arrependeu-se e disse com seus botões: “cometi uma injustiça com esse filósofo e feri seus direitos, tendo sido a isso carregado pela celeridade da cólera. Os sábios já disseram que quatro coisas não devem existir nos reis: a cólera, que os torna odiosos; a avareza, que é imperdoável quando praticada com seus próprios bens, a mentira, que impede os outros de se avizinhamem dele; e a grosseria, que, necedade, é imprópria nas conversações. Veio a mim um homem com conselhos e sem exageros, e eu o tratei de um modo que ele não merecia, e o recompensei de maneira oposta à que seria digna dele. Não era isso que eu lhe deveria ter dado, mas sim deveria ouvir-lhe as palavras e comportar-me da forma que ele indicou.”

Ato contínuo, enviou alguém que lhe trouxesse o filósofo.

Quando este se apresentou diante dele, disse: “acaso vosso objetivo, Bâydaba, não foi diminuir a minha importância e obnubilar o meu amor-próprio com as palavras antes pronunciadas?” Respondeu Bâydaba: “ó rei leal, compassivo, sincero e benevolente, eu só vos alertei quanto a coisas que contêm vosso bem e o de vossos súditos, no intuito de que o reino continue pertencendo a vós.” Disse o rei: “repeti, Bâydaba, todas as vossas palavras sem deixar uma letra sequer.” E Bâydaba começou a falar copiosamente, enquanto o rei prestava atenção, batendo no solo com um objeto que tinha em mãos. Depois, ergueu os olhos em direção a Bâydaba, ordenou-lhe que se sentasse e disse: “considerarei muito agradáveis as vossas palavras, que calaram fundo em meu coração; observarei o que me indicastes e farei o que determinastes.” A seguir, ordenou que ele fosse liberado de suas correntes, vestiu-o com uma de suas túnicas e demonstrou estar satisfeito. Disse Bâydaba: “ó rei, uma menor quantidade de palavras com certeza já seria suficiente para pessoas de vossa categoria.” Respondeu: “dizeis a verdade, ó sábio generoso. Deste meu trono eu vos estou nomeando governador de todos os extremos de meu reino.” Disse: “ó rei, dispensai-me disso, pois não tenho capacidade para corrigi-lo; só pude corrigir-vos.” Ele então dispensou-o, mas quando Bâydaba partiu, o rei percebeu que sua atitude não fora prudente; mandou que fossem atrás dele, e quando ele voltou disse: “pensei na recusa do que eu vos havia oferecido, e considerarei que tal lugar não será ocupado senão por vós: ninguém mais poderá fazê-lo ou tratar desse assunto como vós. Portanto, não discordai.” Então Bâydaba concordou com ele.

Quando nomeavam algum vizir, os reis daquele tempo tinham o hábito de cingir-lhe uma coroa, sendo ele colocado num cavalo, exibido para os principais do reino e conduzido pela cidade. O rei ordenou que assim se procedesse com Bâydaba: colocou-se uma coroa em sua cabeça, ele desfilou montado pela cidade e retornou, instalando-se no Conselho de Justiça; julgava a favor do depauperado e

contra o nobre, e equiparava o forte ao fraco: assim, deu um basta à opressão e estabeleceu leis justas, dilatando donativos e concessões. A notícia chegou a seus discípulos, que acorreram de todos os pontos, contentes por ter Deus modificado e renovado a atitude do rei em relação a Bâydaba; eles agradeceram a Deus exalçado o sucesso de Bâydaba em fazer Dabšalim abandonar a má conduta. Tomaram aquele dia como data festiva, até hoje por eles comemorada nas terras da Índia.

Vendo-se desocupado de Dabšalim, Bâydaba ficou livre para escrever livros sobre política, e dedicou-se diligentemente ao assunto. Escreveu muitos livros que contêm a descrição exata de todas as estratégias, e o rei comportou-se da maneira traçada por Bâydaba relativamente à boa conduta e à justiça entre os súditos. Passaram a estimá-lo os reis vizinhos; assuntos de toda espécie lhe eram levados, e os súditos e os principais do reino ficaram muito felizes com ele. Assim, Bâydaba reuniu seus discípulos, melhorou as relações deles e assumiu um belo compromisso dizendo: “não duvido do que se tenha passado em seus espíritos quando me apresentei ao rei; vocês devem ter pensado: ‘Bâydaba perdeu toda a sabedoria e seu raciocínio já não está funcionando, pois ele decidiu apresentar-se a esse opressor tirânico’, mas agora vocês já conhecem o resultado de minha postura e a correção de minhas idéias: eu não compareci diante dele ignorando o que poderia acontecer, porque eu ouvira de sábios anteriores a mim que os reis sofrem de algo semelhante à embriaguez causada pela bebida, e dela não acordam senão com as advertências dos sábios e as lições dos doutos. É obrigação dos reis o levar em conta as advertências dos sábios, e é dever dos sábios valorizar os reis com sua linguagem, ensiná-los com sua sapiência e evidenciar as provas claras necessárias a eles, a fim de que rechacem o desvio em relação à justiça. Considerarei que os dizeres desses sábios constituíam uma obrigação e um dever dos eruditos para com seus reis: despertá-los do sono da embriaguez, assim como o médico, cuja profissão lhe impõe manter os corpos sãos ou curá-los. Desgostou-me então que ele ou eu morrêssemos, só restando sobre a terra quem dissesse: ‘o filósofo Bâydaba viveu no tempo do tirano Dabšalim, mas não lhe alterou a conduta’. Se alguém afirmasse: ‘ele não pôde falar por temor à própria vida’, responder-lhe-iam: ‘fugir dele e de sua vizinhança seria mais apropriado, mas abandonar a terra natal é bastante penoso’. Alvitrei então arriscar a vida: assim, eu daria uma justificativa aos sábios que viessem depois de mim. Ou eu seria sacrificado ou atingiria meus objetivos: o resultado é o que vocês estão vendo. Efetivamente, diz-se em certo provérbio que o homem atinge uma boa posição somente num desses três casos: ou por uma tenaz labuta que lhe exaure todo o alento; ou por uma grande perda de fortuna; ou por uma grande diminuição em sua crença. Quem não arrosta os terrores não logra o que deseja. O rei Dabšalim me exortou a elaborar um livro que contenha todas as categorias do conhecimento; que cada um de vocês elabore algo a respeito da arte que preferir, e que o exponha a mim para que eu avalie seu raciocínio e até que ponto seu entendimento alcançou a sabedoria.” Responderam: “ó sábio generoso, inteligente e ajuizado! Juramos, por aquele que lhe concedeu

sabedoria, inteligência, educação e virtude, que em nenhum momento tal se deu em nossos corações. Você é o nosso mestre e o melhor dentre nós: em você repousa a nossa dignidade, e em suas mãos o levantarmos após a queda. Mas nos esforçaremos para fazer o que você ordenou.” E o rei perseverou naquela boa conduta durante bom tempo, nisso orientado por Bâydaba e nele apoiado.

Assim que o reino se estabilizou, o rei Dabšalim –atendido por Bâydaba– pôde deixar de lado as questões relacionadas aos inimigos, concentrando suas preocupações na leitura dos livros escritos pelos filósofos da Índia para seus pais e avós. Ocorreu-lhe então que também ele deveria ter um livro comentado e dedicado a sua memória, e no qual se consignassem as façanhas de seu reinado, da mesma forma como foram consignadas as façanhas de seus pais e avós antes dele. Com tal disposição, imaginou que somente Bâydaba poderia levar a cabo essa tarefa; chamou-o a sós e disse-lhe: “sois o sábio e o filósofo da Índia, Bâydaba, e eu refleti e observei as bibliotecas dos reis anteriores a mim: nenhum vi que não tenha feito um livro onde se consignassem as façanhas de seu reinado e sua biografia, e onde se dessem notícias sobre sua educação e sobre os principais de seu reino. Entre esses livros, há os que foram escritos pelos reis para si próprios, e isso por serem sábios eles mesmos, e há os que foram escritos por seus sábios. Temo que me ocorra o mesmo que ocorreu a esses últimos: não tenho condições de executar essa tarefa e não existe em minhas bibliotecas um único livro a mim dedicado e no qual minha memória seja lembrada como é lembrada a de meus antecessores em seus livros. Eu apreciaria, portanto, que me elaborásseis um livro eloqüente no qual investísseis toda a vossa inteligência: em sua face visível, seria sobre a maneira de governar o povo e adestrá-lo na obediência aos reis; em sua face oculta, seria sobre o caráter dos reis e como dominar<sup>33</sup> os súditos, pois falecem-me e aos outros muitos dos fundamentos de que necessitamos para zelar pelo reino. Quero que, depois de mim, esse livro prolongue minha memória por muitos séculos.” Ao ouvir tais palavras, Bâydaba prosternou-se diante dele, ergueu a cabeça e disse: “ó rei de ventura ascendência, oxalá vossa estrela se eleve, a má sorte se desvaneça e vossos dias perdurem! O gênio superior e a esfuziante inteligência de que o rei foi dotado guindaram-no às mais sublimes questões, e seu espírito e preocupações elevaram-no às posições do nível mais distinto e da dimensão mais profunda. Queira Deus perpetuar a felicidade do rei e ajudá-lo no que está disposto a fazer, e também ajudar-me a corresponder a seus anseios. Que o rei ordene, pois, o que desejar, porquanto eu me dedicarei a seu objetivo, e nele me empenharei com meu melhor parecer.” Disse o rei: “contínuais, Bâydaba, a caracterizar-vos pelo bom parecer e pela obediência às ordens dos reis. Já comprovei essa vossa qualidade, e optei que fizésseis esse livro, nele inserindo vossas reflexões e empenhando vosso espírito nos fins que considerardes adequados. Que esse livro contenha seriedade e anedota, entretenimento, sabedoria

---

<sup>33</sup> Embora se tenha traduzido “governar” e “dominar”, nas duas situações o original utiliza uma palavra que em árabe moderno significa política: “siyāsa”, derivada do verbo *sāsa/yasūsu*, “conduzir”.

e filosofia.” Bâydaba fez então um gesto de humildade e se prosternou. “Obedeço ao rei, que Deus lhe prolongue os dias, no que ele me ordenou, e estabeleço entre nós um prazo”, disse. “E de quanto seria esse prazo?”, perguntou. “Um ano”, respondeu Bâydaba. “Concedido”, disse o rei, ordenando ainda a concessão de uma avultada tença que o ajudasse na feitura do livro. Bâydaba passou a refletir continuamente sobre o procedimento a ser adotado e a forma pela qual começaria a elaborá-lo.

A seguir, Bâydaba reuniu seus discípulos. “O rei me encarregou de um assunto que é uma honra para mim, para vocês e para seu país. Foi por isso que os reuni”, disse-lhes, descrevendo então o que o rei havia solicitado relativamente ao livro e aos objetivos a que visava. Eles, contudo, não conseguiam atinar com um bom proceder. Percebendo então que não encontraria entre eles o que pretendia, ponderou, com sua meritória sabedoria, que aquele assunto só se resolveria com a aplicação integral da inteligência e da reflexão. “Noto que uma embarcação não singra o oceano senão com marinheiros, porque eles a equilibram; mas ela só enfrenta o mar alto com o capitão que, sozinho, exerce o comando. Mas, caso tal embarcação se encontre muito carregada de passageiros e marinheiros, não estará a salvo de ir a pique”, pensou Bâydaba. Prosseguiu refletindo sobre o que fazer a respeito do livro até que o elaborou sozinho com o auxílio de um discípulo em quem confiava: isolou-se com ele após ter providenciado certa quantidade do papel que então se usava na Índia e estocado alimentos para que ele e o discípulo se mantivessem durante aquele período. Instalaram-se a portas fechadas num aposento e começaram a organizar e dividir o livro. Ele não cessou de ditar, enquanto o discípulo anotava, e de corrigir essas anotações até que o livro chegou ao máximo estágio de perfeição e mestria. Dividiu-o em quinze capítulos independentes, cada qual contendo uma indagação e sua resposta, a fim de que consistisse, para o consultante, num repositório de instruções e esclarecimentos, e introduziu esses capítulos num único livro, que ele chamou de “Kalila e Dimna”; colocou seus diálogos na boca de bestas, feras e aves a fim de que sua aparência constituísse entretenimento para os nobres e o vulgo, e de que seu sentido oculto constituísse adestramento para as inteligências dos nobres. Acrescentou-lhe igualmente tudo o que o homem necessita para governar a si próprio, aos próximos e afins, além de tudo que necessita quanto a sua vida espiritual e material, a seu fim e a seu início, incitando-o à boa obediência aos reis e alertando-o quanto àquilo cujo abandono é melhor. Depois, fê-lo exotérico e esotérico, traçado habitual a todos os livros de sabedoria: transformou os quadrúpedes em entretenimento, e suas falas, em sabedoria e urbanidade. Começando com isso, Bâydaba fez no início do livro uma descrição do amigo: como são dois amigos e como o afeto estabelecido entre eles se rompe com o ardil de um intrigante. [Ordenou ao discípulo que pusesse em sua boca o que o rei lhe havia determinado.

O filósofo mencionou que a sabedoria, quando nela se introduzem as palavras dos ignorantes, corrompe-se e extravia-se.<sup>34]</sup>

Ele e o discípulo continuaram dando tratos à bola quanto ao que o rei havia solicitado até que a inteligência lhes indicou<sup>35</sup>: as palavras de ambos deveriam ser colocadas na boca de dois quadrúpedes. Ocorreu-lhes que o ponto de entretenimento e humor estaria no fato de duas bestas entabularem conversação, ao passo que a sabedoria estaria no conteúdo do que elas dissessem: assim, os sábios prestariam atenção a suas sentenças e deixariam de lado as bestas e o entretenimento, por saberem que se tratava de simples artifício para a elaboração do livro; já os ignorantes apreciariam justamente isso, admirando-se da conversação de duas bestas, não duvidando do fato, tomando-o como entretenimento e abandonando o sentido das palavras sem o entenderem nem saberem das finalidades para as quais foi elaborado o livro, pois o filósofo só tinha em mente, no primeiro capítulo, informar acerca da relação entre dois fraternos amigos: como se fortalece o afeto entre eles com a precaução contra os caluniadores e o sobreaviso contra quem planta a inimizade entre duas pessoas que se amam a fim de tirar vantagem para si próprio. Bâydaba e seu discípulo permaneceram no aposento até a conclusão do trabalho, e isso pelo período de um ano.

Ao cabo de um ano, o rei mandou perguntar: “já se esgotou o prazo. O que fizestes?”, e Bâydaba mandou responder: “cumpri o prometido. Que o rei me ordene levar-lhe o livro, a fim de que minha leitura seja feita em sua presença.” Quando o mensageiro retornou, o rei regozijou-se e comprometeu-se a reunir os principais do reino num dia determinado; em seguida, mandou que eles acorressem dos confins da Índia a fim de presenciar a leitura do livro. Chegado o dia, o rei ordenou que se construísse um trono semelhante ao dele próprio para Bâydaba, e cadeiras para os filhos dos reis e para os sábios. Depois, mandou trazer o filósofo a sua presença: logo que o mensageiro chegou, Bâydaba vestiu a roupa que ordinariamente utilizava quando comparecia diante dos reis, que era o *musūh* preto, e fez o discípulo carregar o livro. Assim que ele surgiu, todas as pessoas que lá estavam achegaram-se a ele, e o rei ergueu-se agradecido; aproximando-se, Bâydaba prosternou-se sem levantar a cabeça. “Levantai a cabeça, Bâydaba, pois este é um dia de alegria, felicidade e regozijo”<sup>36</sup>, disse o rei, ordenando-lhe que se sentasse, e, quando ele se sentou para ler o livro, o rei indagou-o sobre o sentido e a finalidade de cada capítulo; Bâydaba explicou o objetivo do livro e de cada capítulo, e o rei ficou imensamente admirado e contente com ele. “Não decepcionastes, Bâydaba, o que estava em meu espírito, pois era exatamente isso o

---

<sup>34</sup> O trecho entre colchetes apresenta, no original, redação ambígua; ademais, em lugar de “ignorantes” ou “estúpidos”, nele se escreveu “rapsodos” ou “narradores” ou, ainda, “copistas”, o que não condiz com o andamento do texto. Por isso, traduziu-se a partir de L.

<sup>35</sup> Em L, é Bâydaba sozinho que atina com a solução.

<sup>36</sup> Em L, o rei diz: “Levantai a cabeça, Bâydaba, pois este não é um dia de lamentações, e sim de alegria e louvor”.

que eu desejava. Agora, pedi o que quiserdes e disponde”, disse. Então Bâydaba desejou-lhe felicidade e prolongado sucesso. “Ó rei, quanto à fortuna, eu dela não tenho necessidade; quanto à vestimenta, eu nada prefiro a esta minha roupa. Mas não pouparei o rei a um pedido”, disse. “De que necessitais, Bâydaba? Tudo o que quiserdes já está feito”, respondeu. “Que o rei ordene que este meu livro seja compilado, assim como seus pais e avós compilaram os livros deles, e ordene ainda que seja preservado, pois temo que saia da Índia e seja tomado pelos persas, quando eles souberem de sua existência. Que o rei ordene, portanto, que o livro não saia da biblioteca”, disse Bâydaba, recomendando em seguida seus discípulos ao rei, que lhes concedeu boas recompensas<sup>37</sup>.

Tempos depois, quando reinou Kistrâ 'Anū Širwān –que era muito devotado aos livros, ao saber, à educação e à leitura das crônicas dos antigos–, chegaram lhe notícias a respeito do livro, e ele não descansou até enviar o médico Barzawayh, que habilmente conseguiu retirá-lo da Índia e introduzi-lo nas bibliotecas da Pérsia.

*Abstract: This article basically consists of the discussion of a number of topics of the Book of Kalīla and Dimna, a collection of fables of Sanskrit origin translated into Arabic by Ibn al-Muqaffā in the 8<sup>th</sup> century, and the presentation and translation of its first chapter, attributed to 'Alī Ibn al-Šāh al-Fārisī and inserted into the corpus of the work, according the commentators, in the 10<sup>th</sup> ou 11<sup>th</sup> century.*

*Keywords: Arabic Literature, Arabic Culture, Islam, Ibn al-Muqaffā*

---

<sup>37</sup> Em L, o rei concede boas recompensas aos discípulos sem que Bâydaba interceda por eles.